

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte
Anno ou 24 numeros	2\$600	Trimestre ou 6 numeros \$650
Semestre ou 12 numeros	1\$300	N.º avulso ou pago à entrega \$120

ESTRANGEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS

Anno ou 24 numeros	3\$000	Semestre ou 12 numeros 1\$500
--------------------------	--------	------------------------------------

3.º ANNO — VOLUME III — N.º 67

1 DE OUTUBRO 1880

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

EXPEDIENTE

A empresa do OCCIDENTE agradece a todos os jornaes de Lisboa e das provincias a honra que lhe tem feito, transcrevendo muitos dos seus artigos; mas por conveniencias da empresa, vê-se forçada a pedir a todos os seus illustres collegas a fineza de lhe não transcrever artigos na integra, direito que lhe garante o registo da sua propriedade, ficando contudo summamente grata a todas as amabilidades, que tem

recebido e espera continuar a merecer da imprensa portugueza.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — Dr. Jacintho Antonio de Sousa, A. FILIPPE SIMÕES — Visconde de Fonte Arcada, J. B. — O conselheiro Antonio José de Torres Pereira, R. — As nossas gravuras — O Gabinete Portuguez de Leitura em Pernambuco, J. G. S. — A custodia do convento dos Jeronymos, BRUTO REBELLO — Notas soltas, Frei Fran-

cisco de Jesus Christo, JACINTHO PERES — De Buenos Aires à Pampa, FRANCISCO D'ALMEIDA — Bibliographia.

GRAVURAS. — Marinha de guerra Portugueza, O couraçado Vasco da Gama — Interior do reducto e peças Krupp do couraçado Vasco da Gama — Dr. Jacintho Antonio de Sousa — Visconde de Fonte Arcada — Conselheiro Antonio José de Torres Pereira — Exposição da Sociedade Promotora de Belles-Artes em Portugal, em 1880, Brancanes, paisagem desenhada do Campo de Bomfim em Setubal, quadro de H. Pinto — Gabinete Portuguez de Leitura em Pernambuco — Enigma.



MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — O COURAÇADO VASCO DA GAMA (Desenho do natural por J. Pedros)

CHRONICA OCCIDENTAL

A febre de locomoção moderna, depois de ter inventado o caminho de ferro a vapor, o tramway, e o velocipede, inventou os congressos.

O congresso é um pretexto honesto e humanitário, para todos os annos um certo numero de sujeitos de todas as capitães do mundo andar de terra em terra, em fraternal e alegre convívio digerindo jantares e ingerindo discursos.

E como no fim de contas isto de congressos é um divertimento puramente innocente que não faz mal a ninguém, e que sempre faz bem a algumas pessoas, porque em certos mezes do anno as viagens são uma recreação mesmo aconselhada pela hygiene physica e moral, como muito proveitavel para o corpo e para o espirito, os congressos multiplicam-se de anno para anno, ha-os de todos os generos, de todas as qualidades, de todos os feitios, com grande aproveitamento das companhias de caminho de ferro, e dos donos dos hoteis.

Os congressos são hoje os banhos dos homens.

Em chegando o mez de agosto as esposas pedem praias, e os maridos pedem congresso: ellas fazem-se banhistas, elles congressistas, e assim se divide a familia moderna mal chegam os *caniculares*.

—Era justo que Lisboa entrasse na moda; e finalmente cá teve os seus congressos, como as pulseiras tem o seu porco.

O sr. Pedro Moreira, o ourives da rua Aurea 103 trouxe esta moda para os braços das damas portuguezas, o sr. Mendes Leal, o poeta do Ave Cesar, trouxe aquella para o seio dos litteratos nacionaes.

E o mez de setembro deu á capital lusitana o prazer de ver com os seus proprios olhos algumas celebridades europeas e ao nariz d'essas celebridades o desprazer de respirar os odores das ruas da baixa e as brizas do Aterro.

Para que se não diga por ali que é a desgraça que nunca vem só, os congressos quiseram tirar esse privilegio á desgraça e ao rifão, e vieram logo dois; — um, anthropologico, outro, litterario.

O congresso anthropologico veio cá procurar o homem terciario, o congresso litterario veio procurar os direitos de auctor.

Dou muito mais pelo homem terciario.

Dos dois congressos tanto pelos seus assumptos como pelos seus membros, o anthropologico tem indubitavelmente o logar de honra.

Este, trouxe a Lisboa um certo numero de verdadeiras notabilidades europeas e veio procurar a resolução d'um problema scientifico de importancia geral.

O outro, o litterario não trouxe sequer um só litterato verdadeiramente notavel, e veio debater uma questão perfeitamente mercantil, d'interesse muito restricto, em que se antepõe á utilidade de todos — a propagação ampla das obras litterarias, os interesses de cada um — os direitos de propriedade.

Por isso o publico em geral, que seguiu com interesse as sessões do congresso anthropologico, importou-se pouco, ou mesmo nada com o congresso litterario e no seu grande bom senso instructivo comprehendeu logo, que os sabios estrangeiros tinham vindo de longe aqui, trabalhar para a causa geral da sciencia, e que os litteratos se cá vieram foi apenas para tratar dos seus interesses individuaes, e dos interesses dos seus editores.

E aqui tem o motivo da indifferença e da desconfiança com que Lisboa assistiu ao congresso litterario.

— Ora eu não pretendo de modo algum amesquinhar ou negar o que ha de justo e de sagrado na revindicação da propriedade litteraria. O que me parece comtudo é que a propriedade litteraria não é nem póde ser uma propriedade como qualquer propriedade. A phrase de Alphonse Karr, *La propriété litteraire c'est une propriété*, citada no congresso pela voz brilhante e eloquente de Pinheiro

Chagas não se me afigura completamente verdadeira.

Na obra litteraria ha uma importantissima parte moral, que a afasta nas legislações de todos os paizes de toda a outra propriedade. O homem que faz um predio, por exemplo é dono d'esse predio, perpetuamente, sem limite de tempo, por sua morte lega-o a quem quer, esse quem quer faz o mesmo, e o direito de propriedade é perpetuo e immutavel. O escriptor que faz um livro, é simplesmente proprietario d'esse livro, durante a sua vida, e na legislação portugueza, essa propriedade subsiste ainda, depois da sua morte durante 30 annos para os seus herdeiros. Fimdo esse praso o livro cae no dominio publico.

E porquê? Porque se reconhece que na obra litteraria ha dois interesses perfeitamente justos, o interesse material do auctor, interesse moral do publico. Julga-se — e é d'ahi que vem a velha rhetorica estafada do *sacerdocio augusto das lettras* — que um livro não se faz com o fim unico de ganhar uns tantos réis, como se faz por exemplo um par de botas. E' ahi que existe a grande differença entre a arte e o officio. Na obra litteraria deve haver mais que um editor, deve haver um ideal. O escriptor quando trabalha, não trabalha só para si, trabalha tambem e sobretudo para o publico. A lei comprehende isto e procura satisfazer os dois direitos — o do auctor á remuneração do seu trabalho — o do publico á fruição moral d'esse trabalho.

Assente pois que é um interesse legitimo e incontestavel, o interesse material do auctor de qualquer obra litteraria, é justo e legitimo que elle procure afirmar bem o direito que lhe ha de satisfazer esse interesse; mas como em toda a obra litteraria ha dois interesses, o do auctor, e o do publico, era justo tambem, legitimo que os auctores reunidos em congresso, não esquecessem pelo interesse pessoal o interesse geral e tratassem d'ambos, dos direitos de propriedade, e dos direitos da Esthetica tão gravemente offendidos nos tempos visivelmente, e assustadoramente decadentes que vão correndo.

— Entretanto não se julgue que vimos com maus olhos a revindicação dos direitos de propriedade. Folgaremos pelo contrario immensamente, que essa revindicação passe dos congressos para as convenções, estimaremos immenso não só pelo respeito que nos merecem todos os direitos legitimos, mas tambem pelo amor que temos ao avaneamento litterario e intellectual do nosso paiz, que d'uma vez para sempre se dê o *coup de grace* n'essas deploraveis traducções, que constituem quasi que exclusivamente a bagagem litteraria de Portugal, e que boa ou má, os portuguezes tenham uma litteratura propria. As traducções que para ali enxameam os theatros e as livrarias, aniquilam a lingua portugueza, estragam os leitores, os espectadores e os artistas, levando-os para um meio perfeitamente d'elles desconhecido, e tolhem completamente o passo á produção original. No dia em que os auctores portuguezes encontrem editores que publiquem os seus livros, sem ser preciso pedir-l'ho de chapu na mão, como se pede uma esmola, encontrem theatros que lhe recebam as peças sem a larga e humilhante peregrinação atraz d'um artista que tenha a condescendencia amavel de a levar em beneficio, no dia em que o escriptor portuguez saiba que póde trabalhar desafogadamente n'uma obra, na certeza de ver o fructo do seu trabalho, a litteratura nacional começará a reviver, as nullidades assopradas que por ali rabiscam traducções imbecis, deixarão o campo livre aos que trabalham, aos que pensam, aos que estudam, e Portugal começará então a ter uma litteratura portugueza.

Se o congresso conseguir esse fim, abençoaremos de todo o coração o sr. Lermina e a sua cruzada, embora os maldizentes resmunguem que quem os leva á Palestina é menos a Fé Christã do que o sr. Hachette e o sr. Dentu.

— A estadã dos illustres estrangeiros do con-

gresso anthropologico e litterario em Lisboa, deu motivo a uma immensidade de festas alegres, dotadas d'um caracter internacional muito novo para nós que lhes dá um estranho encanto.

Essas festas tem sido lunch na Peninha d'el-rei D. Fernando, jantar no paço da Ajuda baile no paço de Cascaes, almoço no restaurant club, recita em homenagem nos Recreios, um magnifico concerto em homenagem, dado pelo sr. Breton no seu adeus á cidade, jantar da municipalidade, jantar da Academia das Sciencias, jantar do sr. visconde de Daupias, eu sei! um sem numero de festas delicadas, que tem provado aos sabios que embora em Otta não exista o homem terceiro, em Portugal existe o homem amavel e hospitaleiro.

E já que fallei em amabilidade e hospitalidade é-me extremadamente agradavel consignar aqui um voto de louvor e de reconhecimento, a um trabalhador infatigavel e intellegentissimo, a um homem dedicadissimo pela honra e pelo brio da classe jornalista de Lisboa, a quem nós todos devemos o não ter passado por selvagens aos olhos dos escriptores estrangeiros que nos visitaram, e a quem elles devem o acolhimento fraternal e obsequioso que encontraram em Lisboa. Fallo do sr. Eduardo Coelho.

Quando o primeiro dos congressistas poz o pé em Lisboa, encontrou logo a recebel-o, a cumprimental-o, a offerecer-lhe os seus serviços, e a sua casa, uma coisa que ninguém sabia ainda que existia entre nós: — a associação dos escriptores publicos de Lisboa. Essa associação era simplesmente Eduardo Coelho.

Foi Eduardo Coelho quem, vendo a urgencia fatal do tempo, alugou uma casa, mobilou-a elegantemente, mandou fazer cartões da sociedade, levantou-se ás cinco horas da manhã para ir esperar os estrangeiros ao seu desembarque, e cumprimental-os, fazer-lhes as honras da terra, não em seu nome, individualmente, em nome da *Associação dos jornalistas*, que elle fundára theoreticamente, pelo *Centenario de Camões*, e que em oito dias fundou praticamente, quando comprehendeu que era uma vergonha para jornalistas estrangeiros agremiados pela mais bella fraternidade, encontrar jornalistas portuguezes, em sua casa, separados pela mais indesculpavel indifferença.

O jornalismo de Lisboa tem uma grande divida de gratidão para com Eduardo Coelho, não só pelo que elle fez, que é raro, mas pelo modo como o fez, que é rarissimo.

— Tinhamos desejo de traçar ao correr da penna uns perfis dos escriptores estrangeiros mais notaveis que vieram a Lisboa para os dois congressos, que o congresso litterario apesar de não trazer grandes celebridades, como o outro, trouxe todavia escriptores muito apreciaveis como o sr. Luiz Ulbach, Mario Proth o sr. Alphonse Pajés, o sr. Lermina, um romancista um pouco no genero Terrail, mas muito menos fecundo e considerado do que elle. O espaço falta-nos. Fal-o-hemos no proximo numero, e n'esse numero o OCCIDENTE conta tambem publicar os retratos d'esses estrangeiros illustres dos dois congressos, desenhados sobre umas bellas photographias do sr. Camacho, um notabilissimo artista que faz sair todos os dias do seu atelier do Hotel Gibraltar, verdadeiros primores photographicos, que seriam primores em toda a parte.

— Está a bater á porta o inverno e o Alviela: o sr. Brito abre-lhe as portas de S. Carlos, e o sr. Pinto Coelho as do palacio dos Barbadinhos.

No dia 1 de outubro entra no grande palco lyrico a sr.^a Borghi Mamo, e no dia 3 entra no grande reservatorio d'aguas, o Alviella.

Duas festas notaveis: a chegada da celebre prima-dona, e do festejado rio são dois verdadeiros acontecimentos. A obra do Alviella é a obra mais colossal dos nossos tempos, e vem prejudicar gravemente com a sua conclusão as obras de Santa Engracia, a quem a chegada do Alviella estava dando já certa folga.

DR. JACINTHO ANTONIO DE SOUSA

O dr. Jacintho Antonio de Sousa, decano da faculdade de philosophia da Universidade de Coimbra, director do observatorio meteorologico e magnetico e do gabinete de physica da mesma Universidade, commendador da ordem de Christo e da ordem da Rosa do Brazil, nasceu no Funchal, na ilha da Madeira no primeiro quartel d'este sculo.

Dotado de uma intelligencia perspicaz e de grande amor ao estudo das sciencias, formou-se na faculdade de direito, e depois na de philosophia, na qual tomou o grau de doutor em 6 de janeiro de 1858. Durante as suas formaturas, esteve encarregado da direcção litteraria dos filhos do fallecido duque de Palmella. Regeu por muitos annos uma das cadeiras de physica, sciencia de que fez a sua especialidade e mais em particular da parte respectiva á meteorologia e ao magnetismo terrestre.

Em maio de 1860 foi um dos membros da commissão nomeada pelo governo para ir a Hespanha observar o eclipse total do sol. Depois de se desempenhar d'este trabalho, foi encarregado de visitar os mais notaveis estabelecimentos scientificos de Hespanha, França, Belgica, e Inglaterra e principalmente os observatorios meteorologicos e magneticos. D'esta viagem scientifica escreveu e publicou um relatório interessante.

Depois de conseguir da faculdade de philosophia e do governo que se mandassem fabricar em Inglaterra os instrumentos necessarios, e habilitado com os estudos praticos que fez n'uma segunda viagem e com a verificação d'aquelles mesmos instrumentos, começou a dirigir em 1862 a construcção do observatorio meteorologico e magnetico da Universidade de Coimbra.

Escolheu-se para esta construcção um terreno inculdo na cumiada, que, pela sua altura (140 metros acima do nivel do mar) e por ser pouco distante da cidade, estava nas condições mais convenientes ao fim para que foi destinado.

Junto do observatorio edificou o dr. Jacintho de Sousa uma casa muito elegante, transformando n'um jardim o terreno adjacente, que antes não era mais que uma arida e improductiva saibreira. Para dar idéa dos grandes esforços que empregou para vencer e modificar a natureza, bastará dizer que formou um solo artificial com terra que mandou vir das insuas do Mondego, e construiu grandes reservatorios para recolher, durante o inverno, a agua fluvial afim de supprir a falta de qualquer outra n'aquelle sitio agreste.

A Universidade deve-lhe pois um excellente observatorio e Coimbra a arborisação e o aformoseamento de um lugar inculdo e desagradavel á vista.

No anno de 1864 deu principio ás observações meteorologicas e magneticas das quaes publicava todos os annos os respectivos mappas e noticias.

O dr. Jacintho Antonio de Sousa foi um dos antigos colaboradores do *Instituto*.

Em 1875 foi nomeado, juntamente com o auctor d'estas linhas, pelo conselho de decanos da Universidade, para a representar na festa do tricentenario da Universidade de Leiden na Hollanda. Fez tambem outras viagens pela Europa, a expensas suas, movido pelo amor da instrucção, sentimento que o dominou sempre e de que deu sobejas provas.

Falleceu com uma hypertrophia do coração no dia 15 de agosto passado, contando pouco mais de sessenta annos.

A. FILIPPE SIMÕES.

CONS. ANTONIO JOSÉ TORRES PEREIRA

O conselheiro Torres Pereira, fallecido no dia 20 de setembro, depois de longa enfermidade, e de quem o *OCCIDENTE* dá hoje o retrato, era um homem honradissimo, a quem a sua probidade, a sua assiduidade, o seu zelo pelo trabalho collocaram nas eminencias da vida burocratica.

Torres Pereira nasceu em Lisboa em 10 de março de 1813, tinha portanto 67 annos. Estudou o antigo curso commercial e começou a seguir esta carreira entrando para a casa de commercio dos srs. Ferreira & Irmãos. Em 1834 porém teve que deixar o commercio e ir servir como amanuense no Real Erario para ser dispensado de assentar praça na milicia urbana, o que lhe desagradava muito, porque era liberal de convicção e não queria de forma alguma pegar em armas para defender o despotismo que odiava, contra a liberdade que era toda a sua crença. Quando se extinguiu a repartição do Erario, Torres Pereira, cujos meritos buro-

craticos se tinham já mostrado apreciavelmente, foi chamado para o ministerio da guerra, e depois para o do reino, onde continuou a sua carreira, subindo rapidamente postos no funcionalismo até chegar a director da contabilidade d'esse ministerio, logar em que morreu.

O conselheiro Torres Pereira, era além d'isso enfermeiro mór do hospital de S. José, provedor do asylo Maria Pia, e tinha as commendas de Christo, e da Concoição de Portugal, S. Mauricio e S. Lazaro d'Italia.

Apesar dos altos cargos que exerceu o conselheiro Torres Pereira morreu pobre. Pobre, mas honradissimo, e legando á sua familia a melhor das heranças — um nome probó e sem mancha.

R.

AS NOSSAS GRAVURAS

O COURAÇADO VASCO DA GAMA

Saiu no dia 18 a barra de Lisboa em direcção a Tanger, donde seguirá para alguns portos do Mediterraneo, este vaso de guerra, o mais poderoso da marinha portugueza.

Contractada a sua construcção com a casa «Thames iron Works & Ship builders company» em 19 de maio de 1876, foi lançado ao mar no 1.º de dezembro do anno seguinte.

É da classe dos arietes de reducto central, podendo atirar em caça directa. Mede 200 pés de comprimento entre perpendiculares, tendo 25 de pontal, 40 de bocca, 2:422 toneladas de deslocamento, 1:463 de capacidade, 17,6 pés de callado d'agua ávante e 19 á ré.

É de ferro, tem duas quilhas lateraes, com dois fundos, e dividido em 38 compartimentos estanques, de systema cellular, que podendo encher-se de agua do mar, permitem o augmento da immersão do navio.

Uma cinta couraçada de 10 pés de largura protege a fluctuação, descendo 6 pés abaixo da linha d'ella e crescendo em largura na proximidade da prôa onde chega á parte inferior do esporão. Proximo das caldeiras tem esta couraça 9 pollegadas de espessura, diminuindo para ávante e para a ré até ao minimo de quatro pollegadas e o mesmo da fluctuação para baixo, sendo toda assente sobre um ferro de teca de 10 pollegadas de espessura.

O convez do navio é completamente couraçado com chapa de 1,5 pollegada.

Sobre a coberta, e um pouco ávante do centro do navio, eleva-se dois pés acima da tolda o reducto, de forma octogonal ligeiramente arredondada na parte superior, de 40 pés de diametro interior, tendo quatro portas nas faces contiguas ás lateraes para serviço de duas peças Krupp de 26 centímetros com que é armado. O reducto é saliente ao costado do navio e couraçado com chapa entre 10 e 6 pollegadas nas suas diversas partes.

As duas peças do reducto podem arremessar bombas de aço de 181 kilogrammas, com a velocidade inicial de 150 metros.

Estas duas peças pelo movimento rotatorio, que com appparelhos proprios, que seria longo descrever, se lhes pôde imprimir, batem um arco do horizonte de 330º; os restantes 30º do circulo são batidos no caso de retirada, por uma peça de igual systema, de 15 centímetros, que pôde lançar bombas de aço fundido de 35 kilogrammas com a velocidade inicial de 460 metros.

Completam o armamento interior do couraçado 4 peças de calibre 9, systema Woolwich, e uma metralhadora de dez canos, das officinas de Armstrong & C.ª

Um forte esporão de ferro arma a prôa do navio, cuja parte mais saliente dista 9 pés da vertical da roda da prôa, e está 8 metros abaixo da fluctuação. Quando o navio operar por si próprio, arrojando-se como um enorme projectil de 4:266 toneladas de peso e animado da velocidade de 6 metros por segundo, será de certo o esporão a sua arma mais poderosa e terrível.

Tem este couraçado tombadilho e castello de 27 pés de comprimento, estando o primeiro 17 pés acima da fluctuação e o segundo 18.

Na tolda á ré do reducto tem a roda do leme, bitulas, escotilhas e escotilhões que esclarecem e ventitam as partes inferiores do navio, algumas das quaes, em occasião de combate, são reforçadas por barras de ferro de grande espessura.

O navio é movido por duas machinas de vapor de baixa pressão e invertidas, da força total de 500 cavallos nominaes e 3:200 effectivos. Estas duas machinas são inteiramente eguaes e independentes, e cada uma pôe em movimento um helice de Griffith de 4 pás ou abas de 14 pés de diametro e que perfazem 75 rotações por minuto,

podendo dar ao navio nas mais favoraveis circumstancias a velocidade de 13,2 milhas por hora.

A ré do navio ha uma camara pequena e outra maior para o commandante. Segue-se a camara dos officiaes com corredores lateraes, 11 camarotes para elles, alojamento para guarda marinhas, dispensas e casas de banho.

Avante ha 3 camarotes para officiaes marinheiros e artifices, dispensa de artilheria, botica e enfermaria. Entre esta e o reducto é o alojamento da guarnição, espaçoso claro e ventillado como todos os mais. Tem as necessarias cosinhas de ré e a geral ávante.

Inferiormente ao plano da coberta ha os paioes dos generos e sobreceletes, tanques d'aguada, casa de lavagem, dos fogueiros e dois vastos espaços um á ré, outro ávante onde se deve abrigar, em occasião de combate, a parte da guarnição que não estiver em serviço.

Por baixo d'este baileo estão os paioes da polvora e dos projecteis.

O navio tem quatro embarcações ou escaleres, sendo um de vapor e outro salva vidas.

Para dirigir este poderoso elemento de combate ha sobre o reducto um gabinete envidraçado donde o commandante vê e ordena todos os movimentos necessarios, por traz d'elle ha uma torre revestida de chapa de ferro de 3 pollegadas que serve áquelle de posto de combate em occasião opportuna.

N'uma e n'outra ha rodas de leme, que tem de ser movidas por vapor, e que estão em communicação com as machinas, bem como tubos acusticos que estabelecem communicação com as diferentes partes do navio.

Por esta rapida e resumida descripção perceberão os nossos leitores a perfeição e força d'este famoso vaso da nossa marinha de guerra; podendo tomar d'elle um conhecimento mais completo lendo o que se encontra nos *Annaes do Club Militar Naval*, e *Jornal do Commercio* n.º 6:896 de 18 de junho de 1876.

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES

BRANCANES

Quadro de Henrique Pinto

O quadro que hoje o *OCCIDENTE* dá em gravura é do auctor do quadro *Corroios* cuja gravura demos no nosso ultimo numero. Este quadro tem as mesmas qualidades e os mesmos defeitos que notamos nas outras obras do sr. Pinto.

A paisagem é desenhada do campo de Bomfim em Setubal. O convento de Brancanes que figura n'esta paisagem foi fundado em 1682 por fr. Antonio das Chagas, auxiliado por D. Pedro II. O convento tomou o seu nome do terreno em que foi edificado e que ha muito tempo se chamava Brancanes.

Houve uma obra d'arte notabilissima n'esse convento, um quadro de Raphael Urbino — *A Annunciação de Nossa Senhora*, offerecido pelo papa Innocencio XI á rainha D. Catharina, filha de D. João IV e mulher de D. Carlos II d'Inglaterra, D. Catharina, legou por sua morte esse bello quadro a seu sobrinho o infante D. Francisco, que o doou ao convento de Brancanes onde esteve até 1834, anno em que a requisição da Academia de Bellas Artes, veio para a galeria de Lisboa. O convento de Brancanes, e a sua grande quinta pertencem hoje ao sr. Agostinho Albino.

O quadro do sr. Henrique Pinto é propriedade do sr. Delphin Guedes, vice-inspector da Academia.

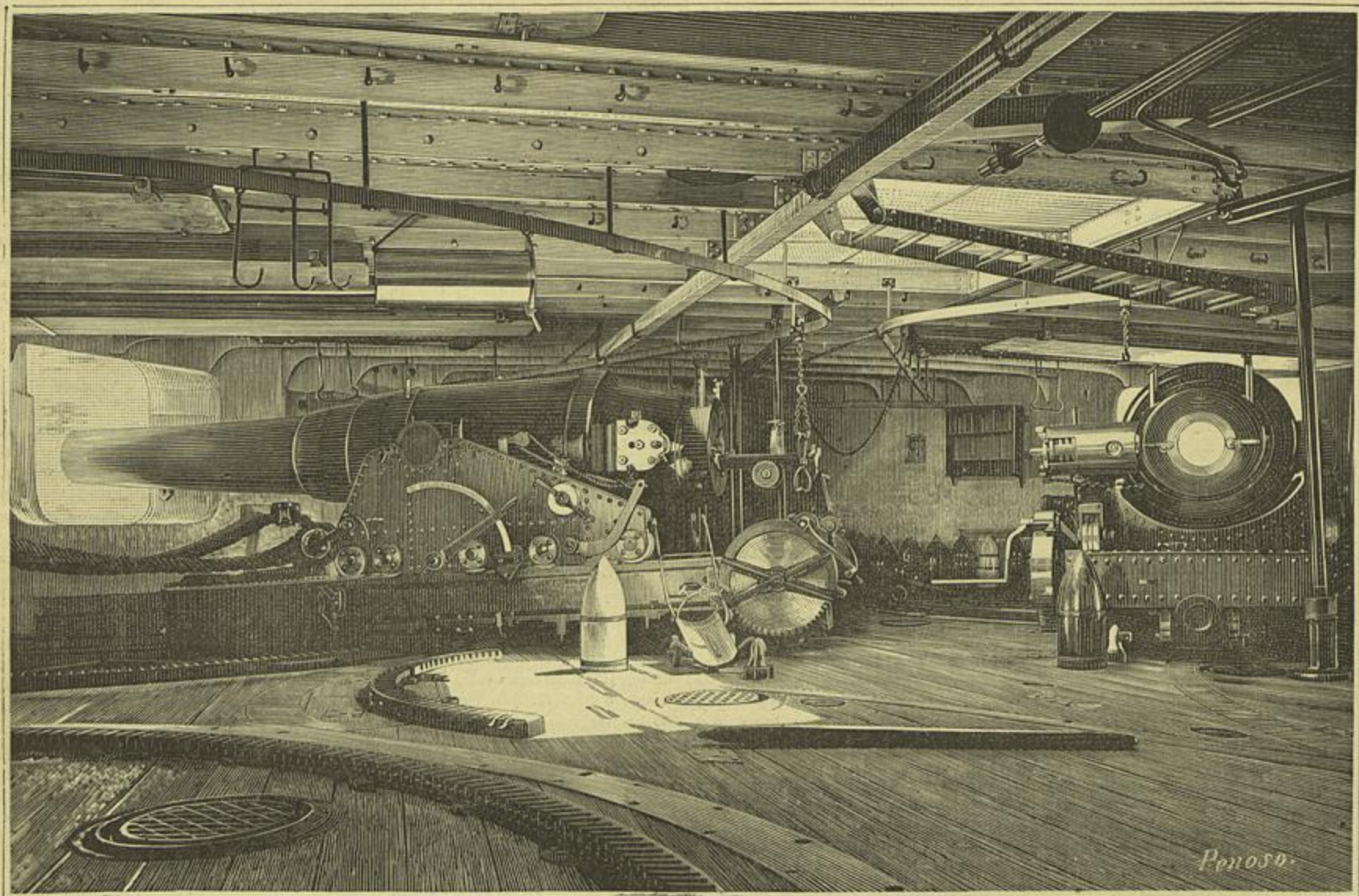
O GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

EM

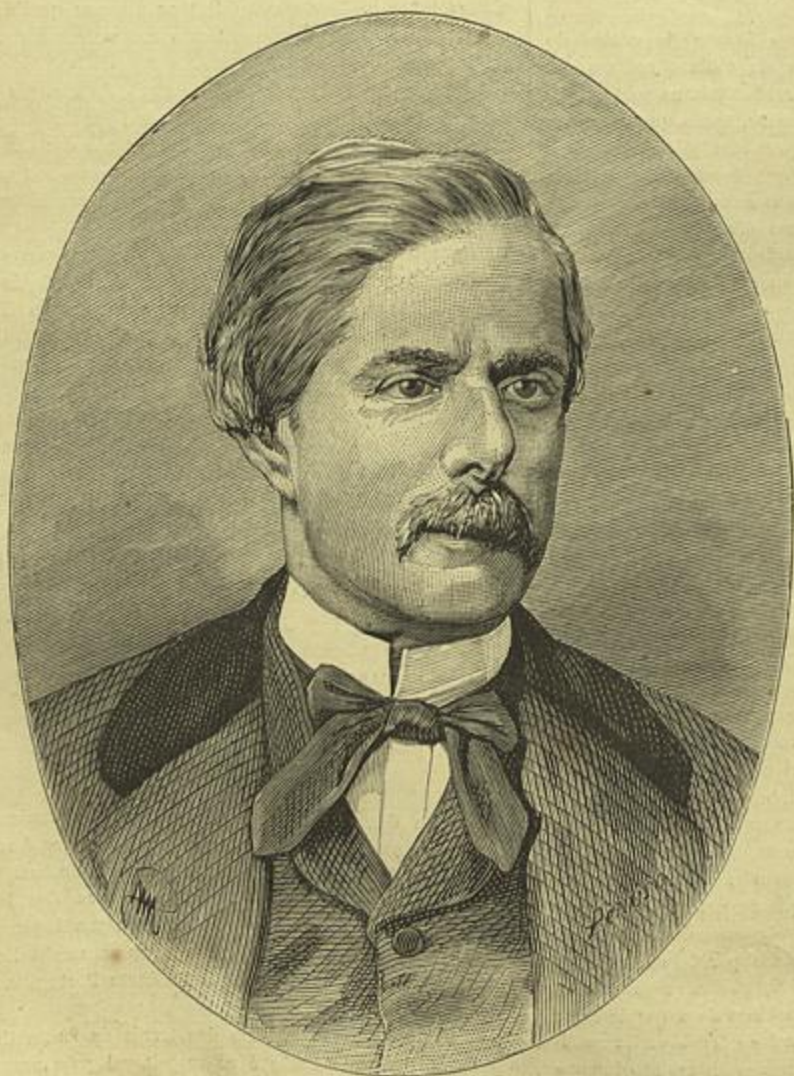
PERNAMBUCO

Ninguém desconhece a importancia e a conveniencia das instituições, que se propõem, por qualquer forma, promover e fomentar o desenvolvimento intellectual dos povos pela facilidade de obterem a leitura dos bons auctores. N'esta classe entram e occupam um logar distincto de leitura, e, restringindo-nos no assumpto d'esta breve noticia, especialisaremos o Gabinete Portuguez de Leitura em Pernambuco.

Lá, n'aquelle vasto imperio das terras de Santa Cruz a colonia portugueza não é só respeitavel pelo numero dos nossos patricios nem pelas suas riquezas. Recomendam-na á consideração publica e á nossa gratidão outros titulos da mais alta importancia. O acrisolado



MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA — INTERIOR DO REDUCTO E PEÇAS KRUPP DO COURAÇADO VASCO DA GAMA
(segundo uma photographia de Rochini)



DR. JACINTHO ANTONIO DE SOUSA
Lente da Universidade de Coimbra, fallecido em 15 de Agosto de 1880
(Segundo uma photographia de Fritz)



VISCONDE DE FONTE ARCADA — Fallecido em 19 de Agosto de 1880
(Segundo uma photographia)

amor da patria, attestado em muitos monumentos e instituições nossas, fundadas e auxiliadas com capitães de portuguezes residentes no Brasil, e o empenho com que a colonia portugueza procura e intenta distinguir-se n'aquellas regiões, creando estabelecimentos de verdadeira e incontestavel utilidade, justificam a admiração respeitosa de que são dignos aquelles infatigaveis obreiros.

O Gabinete Portuguez de Leitura de Pernambuco foi installado em 3 de novembro de 1850, e em 15 de agosto do anno seguinte foi aberto. Eram modestas as suas proporções e a sua bibliotheca era apenas representada por uma humilde estante de pinho onde se enfileiravam alguns poucos volumes.

Os annos, porém, foram volvendo e a instituição ia crescendo, augmentando, progredindo. É que os portuguezes, em Pernambuco, inspirando-se dos versos de A. Ferreira, divisa do Gabinete,

E os que depois de nós viverem vejam
Quanto se trabalhou por seu respeito
Porque elles para os outros assim sejam,

compreenderam que lhes corria a obrigação de irem successivamente abrigan-do o patrimonio, que outros lhe criaram, para o transmittirem augmentado aos que viessem depois d'elles.

Nobre cruzada esta! Prodigiosos e fecundos resultados os de tamanhos esforços!

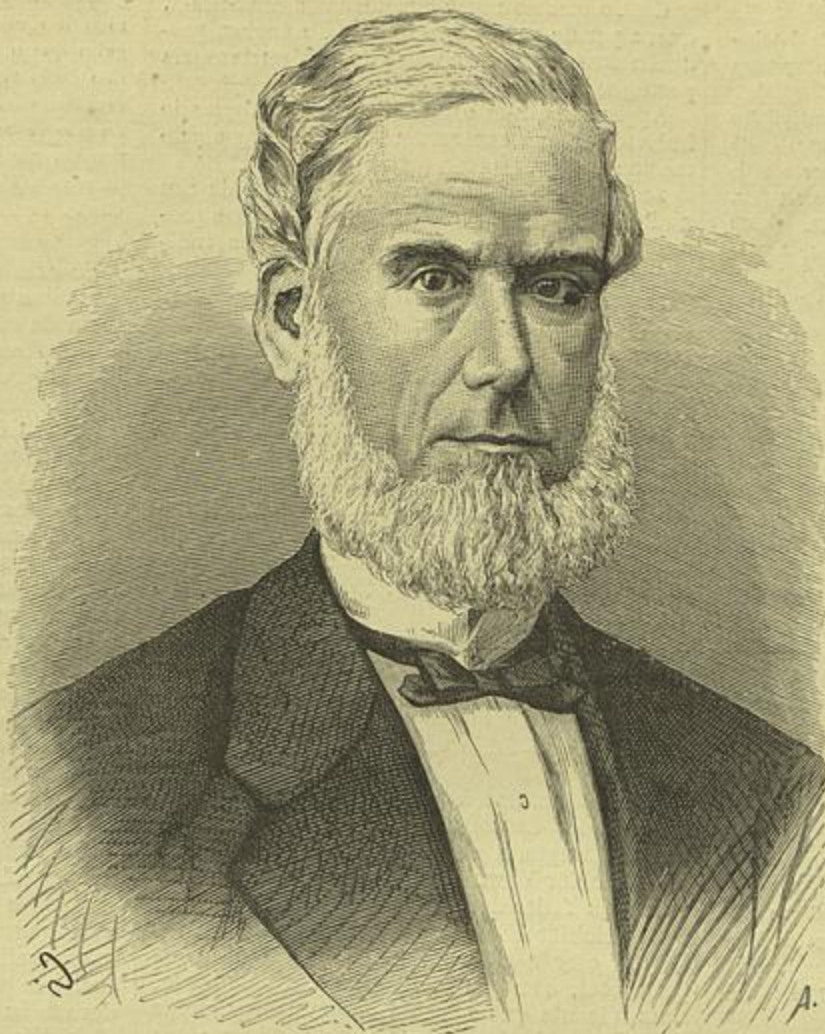
Volvidos trinta annos, no dia 30 de junho d'este anno, ainda vamos encontrar aquella estante de pinho dos primeiros dias, mas como reliquia respeitavel, marco collocado no ponto de partida, veneravel antecessora das trinta estantes envidraçadas onde se guardam as 7:156 obras em 11:622 volumes;

que constituem a actual bibliotheca; sem contarmos as muitas brochuras existentes na secretaria até serem encadernadas. A linguagem d'estes algarismos é muito mais eloquente do que quanto poderemos escrever

para exaltar a importancia do Gabinete. Representam um trabalho intelligente continuado, mas coroado do mais lisongeiro exito. Uma associação, que soube elevar-se a essa altura e adquirir tão merecida conside-

vice-director, José Henriques Villa Nova e João Fernandes de Almeida, secretarios, Victorino José Pereira de Abreu, thesoureiro, Verissimo Ferreira Chaves relator.

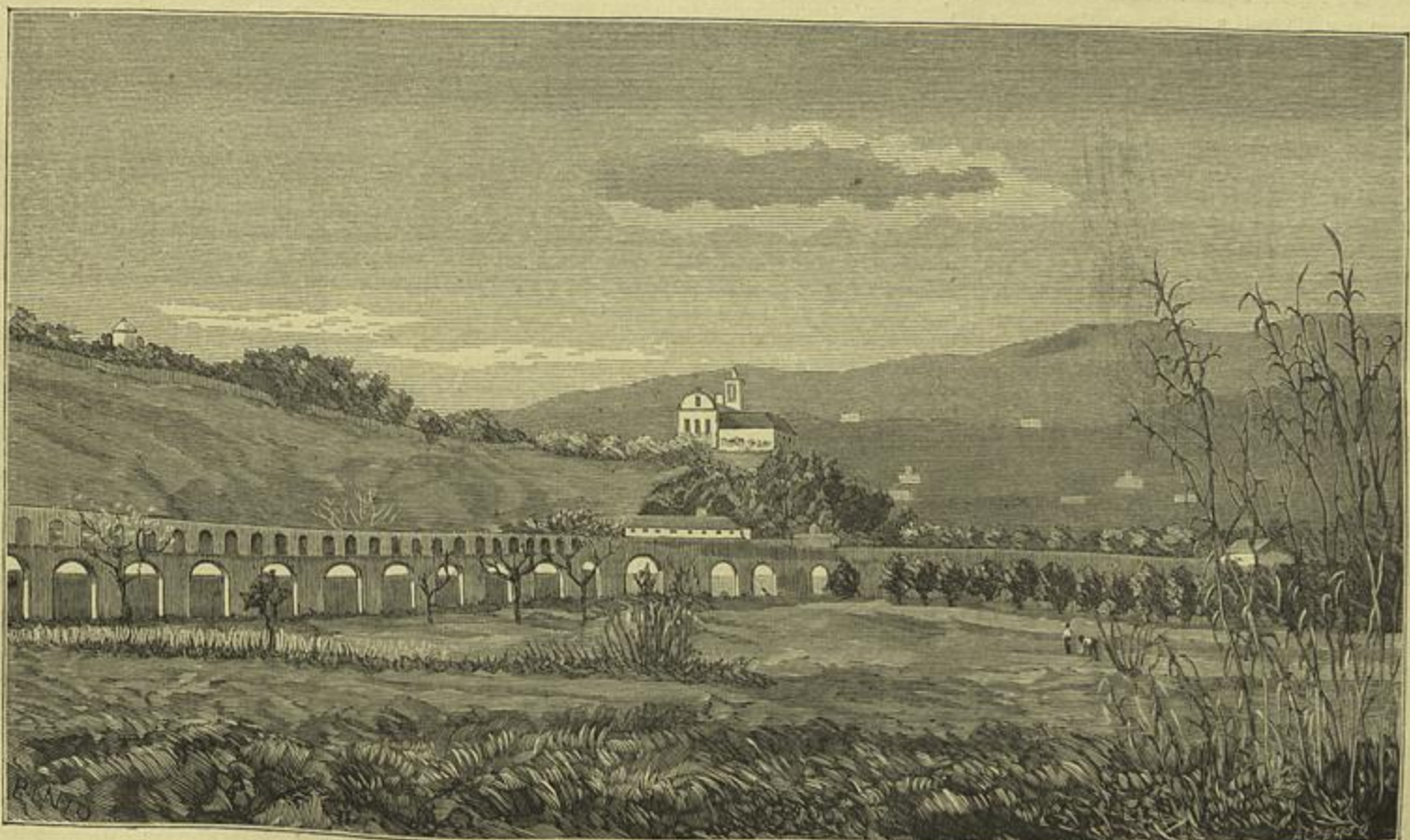
J. G. S.



CONSELHEIRO ANTONIO JOSÉ DE TORRES PEREIRA

Fallecido em 20 de Setembro de 1880 (Segundo uma photographia de Lima Madeira)

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE PROMOTORA DE BELLAS-ARTES EM PORTUGAL, EM 1880



BRANCANES, PAIZAGEM DESENHADA DO CAMPO DO BOMFIM EM SETUBAL — Quadro de H. Pinto, pertencente ao sr. Dolphim Guedes (Desenho do mesmo auctor)

VISCONDE DE FONTE ARCADEA

Era o último representante da grande pleiade dos homens de 20, que inauguraram em Portugal o systema liberal e parlamentar.

Terminada a sessão das côrtes geraes e constituintes de 1821 a 1822, foi Antonio Jacques de Magalhães eleito deputado na sessão ordinaria de 1822 e por ser o mais novo dos representantes do povo foi um dos secretarios.

Suspensão do regimen constitucional em 1823, só em 1825 nos torna a apparecer o Visconde de Fonte Arcada nomeado capitão aggregado ao regimento de milicias de Torres Vedras em 14 de novembro, para o qual logo a 13 de dezembro foi promovido a coronel aggregado.

Estabelecida a carta constitucional foi em 21 de agosto de 1826 nomeado coronel do regimento de milicias de Lisboa occidental, cargo de que obteve a demissão em 1828 a 22 de fevereiro.

Restabelecido em Lisboa o governo liberal foi em 1833 nomeado coronel commandante do 6.º batalhão nacional fixo de Lisboa, por decreto de 14 de setembro, dia no qual defendeu com todo o denodo o forte do Alto de S. João, atacado á bayoneta pelas forças de D. Miguel. Por este acto foi feito cavalleiro da Torre e Espada.

Eleito deputado ás côrtes de 1834 pelo circulo de Aldeia Gallega da Merceana, foi depois elevado ao pariato por carta regia de 1 de outubro de 1835.

Depois de vingada a revolução de 1836 foi nomeado coronel do 3.º batalhão provisório de Lisboa no 1.º de dezembro.

No anno seguinte foi eleito deputado pelo circulo de Alemquer ás côrtes constituintes de 1837 que organisaram a constituição de 1838.

N'este ultimo anno foi nomeado governador civil de Leiria.

Em 1840 e nos annos successivos foi vereador e presidente da camara municipal de Aldeia Gallega da Merceana.

Restaurada a carta constitucional em 1842, retomou o seu lugar de par do reino.

Então e d'ahi em diante quasi sempre o Visconde de Fonte Arcada militou nas phalanges da opposição, sempre sectario das idéas liberaes mais avançadas no systema constitucional.

Pronunciou durante o longo periodo parlamentar, em que foi assiduo, muitos e largos discursos. A disposição do seu espirito porém não permite que as suas orações se possam tomar como modelos. Embora encerrarem em geral bons principios e generosas idéas, a vehemencia do orador, e um natural nervosismo que o acalorava, promovia transições rapidas, e uma certa falta de ligação no complexo dos seus discursos, que prejudica muito a acção que poderia exercer uma intelligencia tão culta e illustrada e um caracter tão aberto e tão honrado.

Dando-se ao cultivo das letras na sua mocidade e idade viril deixa muitas poesias lyricas ineditas originaes e traduzidas.

Collaborou em varios jornaes politicos e litterarios, taes como o *Constitucional*, o *Portuguez*, a *Flôr do Oceano do Funchal* e *Revista Universal Lisbonense*. O *Diario do Governo* e o das *Camaras* reproduziram os seus discursos e alguns projectos importantes. Vej. o *Dicc. bibliog. portuguez* tom. VIII.

Possuía o illustre ancião uma das mais ricas bibliothecas particulares de Lisboa, que encerra muitas preciosidades.

Nascera o Visconde de Fonte Arcada a 25 de maio de 1793 no Campo Grande e falleceu a 19 de agosto do corrente anno, na sua casa da rua do Monte Olivete n'esta cidade.

J. B.

A CUSTODIA DO CONVENTO DOS JERONYMOS

III

GIL VICENTE, OURIVES, E GIL VICENTE, POETA

Sob o nome de Gil Vicente, depara-se-nos no principio do XVI seculo um poeta, que dilatando a phantasia além dos serões e momos da côrte dos reis de Portugal, lançou as bases do theatro nacional, e desde 1502 até 1536, durante trinta e quatro annos sem interrupção, enriqueceu a scena portugueza e hespanhola de trabalhos dramaticos, alguns dos quaes se-

riam hoje umas obras primas, se houvessem sido escriptas um ou dois seculos mais tarde.

Com o mesmo nome encontramos um artista, que, a par de outros igualmente distinctos, produziu monumentos admiraveis da ourivesaria portugueza.

Apparece ainda o mesmo nome designando individuos que exerceram diversos cargos pelo mesmo tempo.

Será pois o nome de Gil Vicente o de um só individuo que exercesse todas aquellas profissões e empregos, ou o de diferentes individuos contemporaneos?

O sr. dr. Theophilo Braga é o propalador da primeira hypothese, expressa e dada por provada no fasciculo da Revista philosophica *O Positivismo*, a que nos referimos no fim do numero antecedente e que vamos analysar.

Antes d'isso precisamos estabelecer a chronologia da vida do poeta Gil Vicente, para sobre ella assentar-mos a nossa analyse.

Os editores das obras d'este poeta publicadas em Hamburgo em 1834 estabeleceram com a maior plausibilidade que elle devia ter nascido pelos annos de 1470. (Vej. ob. de G. V. ed. cit. vol. I.)

Isto é tanto mais rasoavel quanto é certo que a comedia *Floresta de Enganos*, com que fecha o segundo livro das obras do poeta, e a *derradeira que fez Gil Vicente em seus dias*, como diz seu filho que foi o editor d'ellas, tem a data de 1536.

N'uma justificação judicial descoberta pelo sr. visconde de Jorumenha, communicada por elle a Raczyński e que temos examinado, depõe Belchior Vicente, filho de Gil Vicente, que se diz já fallecido.

Se Belchior Vicente, era filho do poeta (como leva a crer a sua qualidade de moço da capella real, como os filhos conhecidos do poeta, Luiz Vicente que o era da camara do principe D. João, e Paula Vicente, sua irmã que era moça da camara e tangedora da infanta D. Maria,) tendo o documento a data de 16 de abril de 1540, é claro que Gil Vicente falleceu entre este anno e do 1536, e naturalmente pelos fins d'este, ou principios de 1537, visto ter elle feito a sua ultima obra n'aquelle anno, e considerar-se já em 1531 muito visinho da morte, como escreve em carta a D. João III.

Desde 1470 a 1536 decorrem sessenta e seis, o que não só torna plausivel aquella hypothese, mas é quasi a sua confirmação.

Vejamos os diversos cargos que segundo os documentos publicados pelo meu amigo Theophilo Braga exerceu Gil Vicente.

a) *Porteiro dos Contos do Almozarifado de Beja e do mestrado d'Aviz.*

O documento publicado pelo illustre escriptor a paginas 372 da citada Revista tem a data de 14 de fevereiro de 1482, e n'elle D. João II dá Gil Vicente seu criado e escudeiro por porteiro dos contos do Almozarifado de Beja como o até então era por carta d'el-rei seu pae.

Se o illustre escriptor tivesse feito entrar no seu trabalho sempre a chronologia, a par dos nomes, semelhantes a outros conhecidos, repararia logo que, devendo o poeta Gil Vicente, segundo o calculo acceteite, ter em 1482, doze a treze annos, a fazer-se-lhe mercê de um cargo, havia de ser com a condição de que seus paes ou tutores poriam alguém que por elle o servisse, mas que não se tendo feito tal declaração, devia o agraciado ter mais de vinte e cinco annos, e notando mais que elle já tinha o cargo por carta de D. Affonso V, que falleceu a 29 de agosto de 1481, devia pelo menos ter vinte e seis ou vinte e sete annos, o que dava para a época da morte do poeta, no caso mais favoravel, a idade de oitenta annos, que sem ser milagrosa, não era provavel.

Mas ainda ha mais. O *Gil Vicente* que exerceu aquelle cargo era moço da estribeira de D. João II, quando principe, e foi-lhe dado o emprego por D. Affonso V a 23 de outubro de 1475, cuja carta é como se segue:

Dom afonso & fazemos saber que confiando nos da bondade e descripção de *gil vicente* moço destribeira do priu-

cipe meu sobre todos muito amado e precado filho que o fará bem e como compre a nosso seruiço e querendolhe fazer graça e merçee Teemos por bem e damollo por nosso porteiro dos contos do almozarifado de beja assy e pella guisa que o elle deue ser e o era luiz gonçalvez que o dito officio tyha per nosa carta e se ora finou. E porém mandamos aos veedores de nossa fazenda & com o mantimento & dada em estremo de xxv doutubro El Rei o mandou per gonçallo vaaz de castel branco & gonçallo do régo a fez ano de lxxv. — *Arch. nac. da T. do T. Chanc. de D. Affonso V, Liv. XXX, fl. 28.*

Se este *Gil Vicente* fosse o poeta, devia, segundo os principios expostos, ter fallecido com mais de oitenta e seis annos.

Gil Vicente, porteiro dos contos de Beja, foi depois provido em igual cargo no mestrado d'Aviz por carta do 1.º de março de 1491 (a pag. 373 da Rev. cit.) em substituição de *Affonso Alvarez*, que o renunciou. Este nome, aliás vulgarissimo n'aquelle tempo; illudiu o illustre escriptor, suppondo ser este individuo, o professor, e criado do bispo d'Evora, que ainda ensinava publicamente entre 1445 a 1550, e talvez depois, autor de alguns autos, ao qual se attribue uma certa rivalidade com *Gil Vicente*.

Isto é uma pura ficção. Não só não houve uma substituição de lugar, mas sim uma troca entre dois criados de D. João II, ficando *Gil Vicente* que era porteiro dos contos de Beja, com os do mestrado d'Aviz, *Affonso Alvarez*, que o era d'estes, com os d'aquelle Almozarifado.

E tambem *Affonso Alvarez* não era clérigo, nem professor, mas pura e simplesmente o *assador e cosinheiro* de D. João II; naturalmente um *Vattel*, d'aquelle tempo, que inventou aquelles homericos assados de bois inteiros, que pareciam vivos, e que tanta grandeza deram ás festas do consorcio do infeliz filho d'aquelle monarcha. (Veja-se Garcia de Resende e Ruy de Pina, etc.)

Se o meu amigo e patricio tivesse por acaso descido os olhos ao documento, que no registo se segue á carta que imprimiu no lugar citado, acharia a seguinte verba:

D. Joham & Item outra tall carta *dafonso alvarez* porteiro dos contos de Beja nom mais nem menos com outro tanto de mantimento com o dito officio como a deste suso escripto. fecta em a dita cidade a xxiiij dias de fevereiro do dito ano de liij lrx fecta per thomé lopez e asinada por o dito dom martinho & — *Arch. nac. da T. do T. Chanc. de D. João II, Liv. IX, fl. 73.*

Em vista d'ella substituindo na referida carta os nomes e os cargos, fica o que acima dissemos. Notando de passagem, que a carta a *Affonso Alvarez* foi passada alguns dias primeiro que a de *Gil Vicente*.

Affonso Alvarez, *assador*, havia sido nomeado porteiro dos contos do mestrado d'Aviz, por carta de 11 de março de 1486, e, já *cosinheiro*, renunciou o cargo a 15 de novembro de 1491, como se vê dos seguintes documentos:

D. Joham & A quantos esta nosa carta virem fazemos saber que como administrador perpetuo e governador que somos da hordem e cavallaria do mestrado davys querendo nos fazer graça e merçee a *afonso alvarez* nosso *asador* confiando d'elle que o faraa bem e como a nosso seruiço pertemçee temos por bem e damollo çaquy em diante por porteiro dos nossos contos do dito mestrado dauys assy e pella gisa que ho atee quy foy pero afonso que o dito officio tinha e se ora finou e porem mandamos ao nosso contador do dito mestrado e a quaesquer outros nossos ofeçiaes e pessoas a que esta nossa carta for mostrada o o conhecimento d'ella pertencer que o ajam por porteiro dos ditos contos e o leixem seruir e husar do dito officio e auer os tres mill e trezentos e vynte e hum reis em cada hum anno de seu mantimento hordenado assy como os auia o dito pero afonso sem duvida nem embargo allgum que lhe a ello ponham o quall *afonso alvarez* jurou em a nossa chancelaria & dada em santarem a xi dias de março El Rey o mandou pelo comde dabrantes e & veedor da sua fazenda antonio carneiro a fez ano de lxxxvj. — *Arch. nac. da T. do T. Chanc. de D. João II, Liv. I, fl. 49 v.*

Dom Joham & A quantos esta nosa carta virem fazemos saber que querendo nos fazer graça e mercee a andre fernandez confluendo dele que o fara bem e como a nosso seruiço compre Teemos por bem e damollo daquy em diante por porteiro dos nossos contos de beja asy e na maneira que o até quy foy *Afonso alvarez* nosso *cozinheiro* que o dito officio tinha e o ora renunciou em nossas mãos segundo pareceo per hum estormento publico de renunciação feito e asinado por fernam roiz publico taballiam em esta cidade de lizboa a xij dias do mes de novembro do ano presente de mill iij^o 1^o e um em o qual daua fé o dito *alvarez* renonciar em nossas mãos o dito officio com o qual auera de mantimento em cada hum anno tres mil e trezentos e vinte e um reis. E porem mandamos & carta em fórma dada em a nossa cidade de lizboa xli dias do mes de novembro El Rey o mandou p dlo conde dabrantes & vedor de sua fazenda joham paes a fez anno de nosso senhor Jhuu x^o de mil e iij^o 1^o e hum. — *Arch. nac. da T. do T. Chanc. de D. João II, Liv. XI, fl. 111 v.*

Vê-se pois que *Gil Vicente e Affonso Alvares*, porteiros dos contos de Beja e do mestrado d'Aviz eram, um o moço de estribeira, outro o *cozinheiro* de D. João II, e que nem pela sua idade, nem pelos seus empregos podem ser os poetas *Gil Vicente e Affonso Alvares*, nem o ourives *Gil Vicente*.

(continua)

BRITO REBELLO.

NOTAS SOLTAS

FR. FRANCISCO DE JESUS CHRISTO

III

No dia seguinte de manhã cedo um grupo composto de Maria d'Abreu que teria trinta e cinco annos, seu filho Francisco de dezeseis e mais tres ou quatro creanças de que a mais nova teria onze annos, seguiam o caminho do Rastello.

Os pequenos brincavam e saltavam, a mãe porém não se fartava de fallar com o filho mais velho que ia a par d'ella.

Chegados a Belem entraram no magestoso templo erguido por D. Manuel. Ajoelharam, ouviram missa, a pobre mulher com uma devoção entranhada, prostrando-se algumas vezes de roxo no chão, beijando com fervor as lages do pavimento.

Viam-se allí varios grupos de homens, de pelles tostadas pelo sopro do mar e sol dos tropicos, os quaes com sincero sentimento invocavam a protecção divina.

Acabado o officio divino dirigiram-se todos á praia e ahí Maria d'Abreu, abraçou-se ardentemente a seu filho Francisco, que beijava repetidamente, e a quem com phrases entrecortadas de lagrimas e soluços fazia as recommendações, que uma terna mãe não se farta de fazer a um filho que d'ella se aparta para longe e quem sabe por que tempo.

Os irmãos mais novos, uns com mais consciencia do que outros, abraçavam e beijavam o irmão mais velho.

Emfim chegou uma canôa; o homem que a dirigia chamou pelos que se haviam de embarcar, e Francisco de Leão houve de arrancar-se aos braços que parecia não poderem apartar-se d'elle. Os irmãos chegaram-se então mais para a mãe, os mais pequenos agarrados a ella, e ficaram em grupo sem desviar a vista do pequeno batel, que abria a corrente, impellido por quatro braços musculosos que moviam os remos.

Em breve atracou o barco a uma caravella que havia pouco tinha começado a desdobrar o panno, e logo se viram subir para ella varios passageiros, e entre elles com uma ligeireza, que parecia denotar grande pratica da vida do mar, o moço Francisco. E comtudo era a primeira vez que embarcava.

Dentro em pouco estava o panno todo solto ao vento, a ancora subia e prendia-se aos turcos e a leve caravella, ao som de um — *Boa Viagem* — saltado pelos maritimos dos barcos proximos e gente que estava na praia come-

cava a fender as ondas. Maria de Abreu cahiu de joelhos sobre a areia erguendo as mãos supplicantes ao Ceo, o que os filhos imitaram. De bordo via-se o mancebo agitar o sombreiro; Maria de Abreu e seus filhinhos, as faces inundadas de lagrimas, ergueram-se e agitavam seus lenços.

Pouco a pouco o navio foi-se distanciando. Maria de Abreu sentada n'uma pedra, ficou-o olhando, em quanto não desapareceu de todo. Então uma nuvem negra lhe toldou a vista, uma tristeza indizível se lhe apoderou do coração e sem proferir palavra, travou das mãos dos dois pequenos nais novos, e tomou o caminho de Lisboa.

Chegando ao postigo de Santa Anna entrou na pobre casa, e dando as ordens indispensaveis á filha mais velha, recolheu-se ao seu quarto; ajoelhou-se deante de um retabulo da Virgem, que seu marido trouxera de Italia, e orou e chorou largo tempo.

Todos os dias se repetiam estas orações, e todos os dias ouvia missa ou no convento de S. Domingos, ou na Capella da Senhora Santa Anna dos irmãos Sapateiros pedindo incessantemente protecção para seu filho.

Novos usos, novas fainas, sensações novas distraiam este da monotonia da sua vida da capital.

(Continua.)

JACINTHO PERES.

DE BUENOS AIRES Á PAMPA

POR CORDOBA

(Continuação)

— Malo rato nos aguarda, amigos, exclamou Cobo, olhando o céu pela portinhola do wagon: no escaparemos sin una borrasca.

— En hora buena, observou Santiago Estrada, no será la primera experiencia, que haré de un temporal en mi transito por las montañas de Córdoba.

Achavamo-nos a curta distancia das *Tortugas*.

Ao chegarmos á estação já uma nevoa densissima nos envolvia; e d'ahi a pouco soprava um vento impetuoso e frio, scintillavam os relampagos, estrondeava o trovão e começavam a cair as primeiras gotas de chuva que, grossas e pesadas como chumbo derretido, são mensageiro sinistro da proximidade do aguaceiro.

— Pois, meus amigos, disse eu, não muito senhor de mim, quando a tempestade estava no seu auge, quando o vento, a chuva, o granizo e os horriveis trovões parecia disputarem-se com encarniçamento inaudito a palma do triumpho; estou desconfiado que o Gutierrez, ao fallar-nos dos grandes acontecimentos que por aqui se hão de realizar, não contava com este.

— Compañero, no es broma, interveiu Beheety. Gutierrez dijo la verdad: grandes, muy grandes acontecimientos.

— Tres ya se han realizado en la ciudad de Córdoba, acudiu Santiago Estrada: la instalacion de un observatorio astronomico, la apertura de una facultad de ciencias exactas en su antigua universidad, y la inauguracion de la exposicion nacional. Merced á este camino, que liga la ciudad de Córdoba con el Atlantico, puede el astrónomo lanzarse en una inmensidad desconocida é inexplorada y estasiarnos con sus revelaciones; levantar la carta de esas pampas de nubes azules y blancas que cubren nuestras vastas soledades y sorprender á la ciencia con una nueva uranometria y con la medida de la luz de las estrellas que nos señalan los rumbos del desierto. Merced á este camino, la educacion adquirirá el caracter práctico de que carece en el interior. Las matemáticas, la física, la química y la historia natural presentarán dilatados horizontes á los espíritus detenidos en su vuelo por la toga

del ergotismo y los argumentos de las sabatinas. El cálculo matemático, aplicado á la naturaleza y al arte, pondrá á la juventud en las vias que conducen á lo bello y á lo util. La física, esplicando la naturaleza y propiedades de los cuerpos, y la química analizando y comparandolos, estimulará á los que se dediquen á ellas á abrazar otros estudios, que serán de grande utilidad para estos países desconocidos. El jeólogo, el botánico y el naturalista revelarán al mundo nuevas noticias sobre la formacion y composicion de nuestro suelo, sobre la flora y la fauna que poseemos, como poseen las aves de las islas del Paraná las flores del aire que se columpian en el naranjo y el ceibo.

— La esposicion de Córdoba, continuou Santiago Estrada, depois de uma breve pausa, fué una esposicion de productos y de corazones argentinos. En ella se reunió el trigo de la llanura de Buenos Aires y el oro de las minas de Catamarca, el corazon que latia á orillas del Plata y el que palpitaba al pié de los altos Andes. Y así como se reconoció la escelente calidad de las semillas y la buena ley de los metales, así tambien se apreció en justicia el corazon y la inteligencia de los argentinos, sea el que fuere el lugar en que nacieron.

— Las prevenciones de unos pueblos contra otros, enjendradas por la ignorancia ó el caudillaje, dejan de ser una vez que los hombres se conozcan y se traten, se estimen y se amen.

— Muy bien dicho, señor de Cobo, gritou Gutierrez, e voltando-se para mim: En una palabra, Almeida, el firmamento, la montaña, el rio y la tierra, el astro, el árbol, el metal, la flor y la yerba, empiezan entre nosotros á pasar por el exámen de la ciencia, por el análisis del telescopio, de la retorta y del microscopio.

— Nada mas? preguntou-lhe Beheety.

— Nada mas! Mira, Almeida, ya estamos en Córdoba, el nido de los rúbulas y frailes.

— Calla, calavera, acudiu Santiago Estrada. Se ha dado en incurrir en una especie de crueldad, que se parece al desprecio que algunos abrigan por los hombres de otra época, lanzando al ridiculo todo lo que tiene origen ó se relaciona con la ciudad de Córdoba. Si algun pueblo de la República se hace acreedor á un proceder contrario, es aquel que cuenta entre sus edificios los claustros de una célebre universidad y las aulas del colegio de Monserrat, en que se educaron la mayor parte de los hombres notables de la revolucion de mayo y de los que mas tarde han figurado en nuestro país. Convento en que los pueblos que no son sino universidad, bolsa ó convento, incurren en exajeracion al subordinarlo todo á las leyes, al comercio y á la teología. Pero no por eso debemos desconocer lo bueno y lo bello que se esconde detrás de esas exajeraciones. No están tan difundidas en la República Argentina las ciencias y las letras, para que podamos mofarnos impunemente de la universidad y de los doctores de Córdoba. Si hay en la República algun pueblo susceptible de ser con el tiempo el emporio del saber, no será aquel que haya enjendrado mas soldados ó que tenga la vanidad de manejar mejor la lanza. Tal gloria le cabrá al que conserve mas vivas sus tradiciones literarias y crea que el baston del doctor es preferible á la espada del montonero. La universidad de Córdoba, salvada por el cariño filial de los cordobeses, está llamada á ser en esta época lo que fué con relacion á los tiempos en que floreció. Pero esto no se conseguirá inventando anécdotas picantes que solo sirven para entretener la ociosidad, ni dando pábulos á preocupaciones que producen el desprestigio de una parte de nuestra propia familia. Con la risa no se edifica: con el lapiz de Cham no se trazan programas de reforma. Los caricaturistas no estan llamados á cambiar la faz de la tierra. Esta mision corresponde al amor, que liga las voluntades, y á la ciencia que fecunda la inteligencia, en que se siembran ideas, y el campo en que se siembra trigo.

(Continua.)

FRANCISCO D'ALMEIDA.

BIBLIOGRAPHIA

ELEMENTOS DE ANTHROPOLOGIA, por J. P. Oliveira Martins, publicação da casa Carvalho & C.^a, de Lisboa. — Teve toda a oportunidade de occasião a publicação d'este pequeno manual, nas proximidades da reunião de um congresso anthropologico.

Os livros d'este ramo de sciencia, ainda muito embaraçado de problemas, talvez para sempre irresoluveis, não estão ao alcance de todos, e por isso bom serviço fez o sr. Oliveira Martins proporcionando a muitos um meio de poderem conhecer de que se trata n'aquelle congresso.

Conhecer o homem desde o seu apparecimento na scena do mundo é, na expressão mais comesinha, o fim da anthropologia. Descobrimentos do presente seculo, e entre elles muitos e importantes, feitos no nosso paiz, revellaram ao mundo, que antes da mais antiga noção do homem que a historia nos ministra, elle ou um ser intelligente seu antecessor, existiu com outros habitos, outros usos, outros costumes, como não podia deixar de ser.

Marcar o periodo mais afastado em que o homem appareceu é o afan da anthropologia. E parece que o nosso paiz, como a Italia, offerece documentos bastantes da sua existencia no periodo terciario.

O sr. Oliveira Martins, apesar da falta de trabalhos e estudos praticos especiaes, compendiando o que os sabios tem avontado ou concluido a este respeito, apresenta noções geraes, embora algumas vezes reproduza theorias que ainda são contestadas, como algumas de Darwin, e a do transformismo que ainda ha dias foram contestadas no seio do congresso; é verdade que esta foi exposta com certa reserva pelo illustrado escriptor.

Entretanto como livro de vulgarisação é muito util o do sr. Oliveira Martins, e deve ser lido por quem quizer conhecer as generalidades d'esta nova sciencia.



BRAZIL — GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA EM PERNAMBUCO (Segundo uma photographia)

OS MARTYRES DO CHRISTIANISMO, romance historico por Vasco de Lucena, editado pelo sr. Joaquim Antunes Leitão, do Porto. — É uma animada relação das principaes victimas do fanatismo e intolerancia pagan dos romanôs, cujo sangue regando a arvore do Golgotha, serviu de vehiculo á moderna civilisação. É uma leitura que agrada e enternece. Pena é que alguns defeitos de linguagem inquinem tão formosas paginas.

OS NOSSOS VESTIDOS, por José Augusto Vieira, publicado pelo mesmo editor. — O novel escriptor mostra ser um homem que quer pôr a sua bella intelligencia e penna facil ao serviço das necessidades do homem civilisado.

Por isso não cessaremos de lhe recommendar a maior correção e purificação da linguagem. Destoa muito um quicô ao pé d'uma confecção embora venham ambas da mesma origem.

Os cuidados da hygiene que tanto podem concorrer para o melhoramento da especie humana, ou pelo menos para evitarem á humanidade o apparecimento e desenvolvimento de certas enfermidades, mereceram já ao prestante escriptor um cuidado especial.

Debaixo d'aquelle título não só aconselha o sr. Vieira o modo, a maneira de vestir, mas indica a fazenda mais propria para os trages, nomeadamente os que mais estão em contacto com a pelle.

Suspeitamos que as suas idéas não serão ainda seguidas, mas bom é lançar a semente á terra.

Juntas com estas noções vem muitas e geraes de hygiene, muito convenientes e necessarias no decurso da vida. É um folheto de muita utilidade e cujo estudo recommendamos aos paes e principalmente ás mães de familia.

ALMANACH LITTERARIO E CHARADISTICO PARA 1881, por Matheus Peres — (Segundo anno) Lisboa, typographia da Bibliotheca Universal 1880. — Acaba de publicar-se este interessante almanach, modelado pelo Almanach de Lembranças, e já muito estimado pelos seus artigos curiosos e noticiosos. Os amigos de charadas e especies congeneres tem all muito com que satisfazer o seu apetite.

É o seu custo 240 réis e vende-se na empresa do OCCIDENTE, rua do Loreto 43. Envia-se franco de porte para as provincias.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Não foi de era, foi de espinhos, a corôa poetica de Camões.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRERES TYP. LISBOA
6, Rua do Thezouro Velho, 6